



Revista Interdisciplinar do Pensamento Científico. ISSN: 2446-6778  
Nº 1, volume 1, artigo nº 18, Janeiro/Junho 2015  
D.O.I: <http://dx.doi.org/10.20951/2446-6778/v1n1a18>

## RELACIONAMENTOS ENTRE FILHOS DE PAIS CASADOS E ENTRE FILHOS E PAIS DIVORCIADOS

**Angelo Moreira Arruda<sup>1</sup>**

Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro; Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Cognição e Linguagem; Campos dos Goytacazes-RJ

**Janete Araci do Espírito Santo<sup>2</sup>**

Doutoranda em Cognição e Linguagem- Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro; Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Cognição e Linguagem; Campos dos Goytacazes-RJ

**Bianka Pires André<sup>3</sup>**

Doutora em Educação pela Universidade de Barcelona Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro; Pesquisadora do mestrado do Programa de Pós-Graduação em Cognição e Linguagem; Campos dos Goytacazes-Rio de Janeiro;

### Resumo

O presente artigo se debruçou sobre o seguinte problema: “Quais são as principais semelhanças e diferenças nos relacionamentos entre filhos de pais divorciados e filhos de pais casados?. Para debater tal problema foi realizada uma pesquisa bibliográfica sobre a temática, como também realizada entrevistas com 11 sujeitos, sendo 05 filhos de pais divorciados e 06 filhos de pais casados, com faixa etária entre 09 e 17 anos de idade. Observou-se que há mais semelhanças que diferenças entre os relacionamentos vivenciados pelos grupos da pesquisa. Portanto, acredita-se que pode não ser somente a experiência do divórcio, mas a ênfase construída por cada contexto social que cria diferenças nos relacionamentos entre filhos de pais divorciados e filhos de pais casados.

<sup>1</sup> Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro; Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Cognição e Linguagem; Campos dos Goytacazes-RJ; [angelo.usc@hotmail.com](mailto:angelo.usc@hotmail.com).

<sup>2</sup> Doutoranda em Cognição e Linguagem- Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro; Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Cognição e Linguagem; Campos dos Goytacazes-RJ- [Janeteesanto@hotmail.com](mailto:Janeteesanto@hotmail.com)

<sup>3</sup> Doutora em Educação pela Universidade de Barcelona Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro; Pesquisadora do mestrado do Programa de Pós-Graduação em Cognição e Linguagem; Campos dos Goytacazes-Rio de Janeiro; [biankapires@gmail.com](mailto:biankapires@gmail.com).

**Palavras-chave:** Relacionamentos, Pais, Filhos, Divorcio

### **Abstract**

This article addressed the following issue: "What are the main similarities and differences in relationships between children of divorced parents and children of married parents ?. To discuss such a problem a literature search was conducted on the theme-ethics, as well as conducted interviews with 11 subjects, 05 children of divorced parents and 06 children of married parents, aged between 9:17 years old. It has been observed that there are more similarities than differences between the relationships experienced by the research groups. Therefore, it is believed that it can not be only the divorce experience, but the emphasis built by each social context that creates differences in relationships between children of divorced parents and children of married parents.

**Keywords:** Relationships, Parents, Children, Divorce

## **INTRODUÇÃO**

Este artigo apresenta uma pesquisa realizada com 11 sujeitos, sendo 05 filhos de pais divorciados e 06 filhos de pais casados, com faixa etária entre 09 e 17 anos de idade, cujo objetivo foi refletir acerca de algumas características existentes nos relacionamentos entre filhos e pais divorciados, e entre filhos e pais casados. Tal discussão se faz pertinente pelo fato de que o modelo familiar sofreu muitas transformações, devido às constantes mudanças no contexto social contemporâneo. Além disso, a pesquisa se debruçou sobre a hipótese de que talvez existam semelhanças nos relacionamentos entre pais e filhos desses dois grupos.

Em alguns casos, os divórcios ocorrem com muito mais frequência quando a responsabilidade na educação dos filhos pequenos não é muito bem administrada pelo casal, uma vez que, em geral, ambos querem investir na sua carreira profissional e, por isso, precisam entrar num acordo para equilibrar a educação dos filhos com os objetivos individuais de cada um (CARTER; MCGOLDRICK, 1995).

No entanto, as mudanças no âmbito familiar refletem as inúmeras transformações que a sociedade moderna vem construindo nas últimas décadas. Segundo Freitas (2000), tais transformações desencadearam os seguintes aspectos:

[...] a redução do significado da religião e da moral determinada pela religião; a significância reduzida dos papéis sexuais, mudando as atitudes em relação a autoridade, figuras parentais, moral sexual e atri-

butos específicos de classes; e o declínio da ética do trabalho e a instituição de uma forma de vida consumista e hedonista. Percebemos, assim, uma grande fragmentação de valores e condutas pessoais e coletivas, em que a integração social começa a aparecer como problemática (CARTER; MCGOLDRICK, 1995, p. 07-08).

Devido ao fato de que não há como refletir sobre a família sem antes considerar o contexto social e histórico no qual ela está inserida, nota-se a pertinência de abordar tais questões para, dessa forma, refletir sobre algumas características que foram construídas em torno dos relacionamentos entre filhos e pais divorciados, e entre filhos e pais casados.

### Produção da Subjetividade no Contexto Familiar / Divórcio

Sob um viés sócio-histórico, não é possível pensar na subjetividade humana como algo dado *a priori*, ou próprio do indivíduo e imitável. De acordo com Torre, Amarante (2001, p. 76):

[...] a subjetividade é produto das redes da história; é, então, descentrada do indivíduo, sendo sempre coletiva e nunca individual. É produzida nos registros coletivos da sociedade e da cultura, através de mecanismos e estratégias os mais diversos, que definem os modos de existência regulados pelas leis, verdades e crenças, produzindo subjetividades e formas de vida. A *produção de subjetividade* funciona forjando modos de existência, que modelam as maneiras de sentir e pensar dos indivíduos.

Torre, Amarante (2001) ainda salientam que não se trata de um movimento vindo somente de uma direção, ou seja, esse processo não se trata somente de vários poderes sociais que subjagam e modelam o ser humano, visto que tais poderes sempre encontram uma força resistente capaz de romper e produzir múltiplas diferenças.

De acordo com a pesquisa de Schabbel (2005), uma das estruturas que participa na produção da subjetividade é a familiar. Aliás, talvez seja essa a primeira estrutura a entrar nessa construção que nunca acaba, já que é um processo contínuo.

O modo como a família atuava nessa produção há uns anos atrás é muito diferente da sua participação no século XXI, uma vez que as sociedades mudaram e, conseqüentemente, a família também mudou. Contudo, o que não se pode negar é a efetiva participação da família nesse processo (SCHABBEL, 2005).

O divórcio foi legalizado no Brasil em 1977 e, desde então, começaram a ser construídas estatísticas sobre esse acontecimento. De acordo com Schabbel (2005), a partir do final de 1980 começaram as pesquisas clínicas acerca das conseqüências que a divórcio acarretava para todos os envolvidos.

O acelerado aumento do número de divórcios nos últimos anos tem produzido novos modelos familiares (BRITO, 2007), como também novos papéis – ex-marido, ex-esposa,

filhos de pais separados – e, com isso, novos fatores passaram a participar na construção subjetiva dos envolvidos nessa trama.

De acordo com as pesquisas de Schabbel (2005), geralmente, o divórcio é encarado como um acontecimento complexo e muito doloroso, e que fica ainda pior quando o casal tem filhos. Não se quer afirmar que isso seja uma regra, pois existem muitos casos de divórcios que acontecem sem dificuldades que acarretariam em traumas psicológicos. Todavia, em muitos casos, durante o divórcio, os pais sentem dificuldade para oferecer a mesma segurança que antes era oferecida para os filhos, uma vez que eles próprios estão muito inseguros e sem saber o que devem fazer na situação em que estão vivendo.

Os filhos precisam consideravelmente dos pais durante o processo de separação, e é exatamente neste período que tanto o pai quanto a mãe estão mais vulneráveis e frágeis, uma vez que há uma perda a ser elaborada e inúmeros sentimentos não são compreendidos, além de aspectos práticos a serem resolvidos (SCHABEL, 2005, p. 15).

De acordo com Brito (2007), ainda são muito baixos os números de pesquisas qualitativas que almejam investigar o divórcio e, em particular, a percepção dos filhos que passam por tal evento. A autora diz que a imprensa no Brasil, em geral, divulga a crença de que caso os pais conseguirem “ficar bem” após o divórcio, provavelmente os filhos não enfrentarão grandes conflitos, visto que não presenciarão nenhum “clima” ruim.

Contudo, não há como negar que o divórcio deixa seus vestígios tanto no casal, quanto nos filhos. Prova disso é revelado pela pesquisa de Carneiro (2003) acerca do doloroso processo de dissolução da conjugalidade, na qual é mostrado que os homens encaram essa situação de forma muito diferente do modo como as mulheres enfrentam a mesma, embora seja um momento difícil e doloroso para ambos.

Portanto, não é possível generalizar e afirmar que toda criança de pais separados irão ter conflitos psicológicos e emocionais derivados do divórcio, visto que cada criança vivencia tal acontecimento de forma muito peculiar. Embora muitas pesquisas revelam que o divórcio causa inúmeros efeitos negativos para os envolvidos, principalmente para os filhos, não há como afirmar com toda convicção que tais efeitos são realmente frutos do divórcio, uma vez que os mesmos traços também são encontrados em várias outras crianças de pais casados (SCHABEL, 2005).

Schabbel (2005) diz que o divórcio afeta a construção subjetiva das crianças, já que é um evento que vai estar presente na formação das mesmas. Contudo, parece que a sociedade moderna criou um tipo de regra, onde postula toda criança de pais separados com problemática.

Quando há separação, a criança ou adolescente enfrenta o medo e as consequências negativas de um lar desfeito. Não é possível saber

o número exato de crianças envolvidas em separações no Brasil, porém, pesquisas realizadas em outros países referem-se, basicamente, a duas percepções provocadas nos filhos: o medo, consciente ou inconsciente, de que o outro cônjuge também vá embora, e a percepção de que os adultos não são confiáveis e nem honestos (SCHABBEL, 2005, p. 14).

O medo de perder um dos pais e a desconfiança que surgir após o divórcio são sentimentos que atravessam a construção subjetiva da criança. No entanto, será que tais sentimentos estão presentes apenas nas vivências de filhos de pais separados? Essa é uma das questões que moveu o desenvolvimento da presente pesquisa. São perguntas com uma série de variantes que dificultam as possíveis respostas, por isso, não houve a pretensão de responder, mas sim provocar reflexões e criação de novas percepções e perguntas acerca da temática proposta.

#### Pais divorciados e pais casados: relacionamento pais e filhos

Indubitavelmente, o desenvolvimento social das crianças sofre muita interferência da qualidade da relação pais-filhos. Qualquer evento que ocorrer no ambiente familiar pode se tornar decisivo para o futuro de uma criança.

A exposição da criança a práticas parentais inadequadas (conflitos, violência, coerção) ou a baixo envolvimento com o pai ou com a mãe constitui fatores de risco para o desenvolvimento infantil, aumentando a vulnerabilidade a eventos ameaçadores (como práticas delinqüentes, envolvimento com drogas) (CIA; PAMPLIM; PRETTE, 2006, p. 395).

A contribuição oferecida pela pesquisa de Cia; Pamplim; Prette (2006) sobre a correlação entre as habilidades sociais e problemas de comportamento com a comunicação e participação dos pais na vida dos filhos está relacionada com a necessidade de incentivar os pais a buscarem proporcionar um ambiente favorável para o diálogo aberto entre eles e seus filhos, no qual ambos são ouvidos e respeitados. Em tal pesquisa, realizada com 110 crianças da 4ª série do ensino fundamental, verificou-se que, segundo grande parte dessas crianças, as mães são muito mais participativas e comunicativas no relacionamento com os mesmos do que a maioria dos pais.

Obviamente, grande parte dos pais trabalha em período integral, já que, mesmo diante de todas as mudanças que estão ocorrendo no seio da família contemporânea, o homem ainda é visto como o responsável por manter o sustento de sua família, e, devido a isso, acaba não conseguindo construir uma relação muito íntima com seus filhos (CIA; PAMPLIM; PRETTE, 2006).

No entanto, um fato interessante que o resultado da presente pesquisa revela é que não precisa haver o divórcio para os filhos reclamarem do relacionamento com seus pais, uma vez que, mesmo estando morando na mesma casa, alguns pais já apresentam certa distância dos seus filhos (CIA; PAMPLIM; PRETTE, 2006).

Quando os pais decidem se divorciar, torna-se necessária a negociação de quem ficará com os filhos, como também como, quando e quantas vezes o pai ou a mãe irá visitar o filho depois da dissolução do casamento. A execução de tal negociação pode se tornar complicada, dependendo das circunstâncias que provocaram, antecederam ou acompanharam o casal durante o divórcio.

[...] em muitos casos, a dificuldade em se lidar com a separação, assim como o próprio processo de desvincular-se do relacionamento, pode colaborar para que as mães dificultem o contato entre pais e filhos (DANTAS et al., 2004).

O sentimento de impotência frente a situação vivida demonstrado pelas mães pode ser manifestado muitas vezes como raiva, decepção, alívio, vingança etc. Segundo Boch-Galhau (2002 apud HACK; RAMIRES, 2010), nestes casos, pode ocorrer a Síndrome de Alienação Parental, “que diz respeito ao afastamento do pai, por indução da mãe, que impede o contato e manipula o filho contra o pai.” (p. 90).

Em alguns casos, o pai dá uma atenção maior para o filho após o divórcio e, em outras famílias, o pai tende a se afastar do filho se mudando para outro município. Segundo Dantas et al. (2004, p. 351):

[...] devido à diminuição do contato existente entre o pai e os filhos, após a separação, ele busque uma vivência de maior qualidade, justamente para compensar a sua ausência diária.

Então, como cada família possui um contexto diferente, não é possível generalizar os efeitos que um divórcio pode repercutir. Conforme Hetherington e Stanley-Hagan (1999 apud HACK; RAMIRES, 2010, p.89), o divórcio pode apresentar “efeitos mais drásticos que incluem comportamentos antissociais, agressivos, oposicionistas, falta de autocontrole, baixa responsabilidade social e diminuição do desempenho cognitivo”.

Pode-se entender que os processos de dissolução conjugal podem, em algumas famílias, provocar nos filhos questionamentos, comportamentos indesejáveis e problemas desenvolvimentais. Em contrapartida, percebe-se que os filhos de pais casados também passam por conflitos semelhantes, têm problemas e passam por comportamentos similares. Conforme Souza e Ramires (2006 apud HACK; RAMIRES, 2010, p.89) “não é possível estabelecermos uma relação linear de causa e efeito entre divórcio e consequências negativas”.

Não é correto afirmar que os filhos de pais divorciados são dignos de receber o estigma de “o menino problemático”, sendo que os filhos de pais casados também passam por diversos problemas semelhantes (CIA; PAMPLIM; PRETTE, 2006).

Frente a isso, a presente pesquisa se propôs a investigar algumas possíveis semelhanças entre o relacionamento de filhos de pais divorciados e de filhos de pais casados, com o intuito de comprovar ou não a hipótese de que algumas vivências entre ambos sujeitos da pesquisa não se distinguem, ou seja, talvez muitas experiências que os filhos de pais divorciados enfrentam são bem semelhantes as que filhos de pais casados se deparam.

## **MATERIAIS E MÉTODOS**

Para investigar a temática proposta por tal artigo foi realizada uma revisão de artigos científicos acerca de tal temática, como também foram realizadas entrevistas semi-estruturada com 11 sujeitos, sendo 05 filhos de pais divorciados e 06 filhos de pais casados, com faixa etária entre 09 e 16 anos de idade.

Foram construídos dois roteiros de perguntas, um para o grupo de filhos divorciados e outro para o grupo de filhos de pais casados. Entretanto, os dois roteiros abordavam basicamente os mesmos assuntos:

Roteiro da entrevista com o grupo de filhos de pais divorciados:

- 1- Como é a sua família?
- 2- Como era sua vida antes do divórcio de seus pais? Quais eram seus sonhos, projetos?
- 3- Para você, qual foi a causa do divórcio dos seus pais?
- 4- Como reagiu quando ficou sabendo que seus pais iam se divorciar?
- 5- Qual foi a parte mais difícil? Como foi?
- 6- Como ficou sua relação com seus pais após o divórcio? Mudou alguma coisa? O que mudou?
- 7- Seus pais se casaram de novo? Como reagiu a isso?
- 8- Com quem você tem mais contato e intimidade para conversar? ( ) mãe ( ) pai. Por quê?
- 9- Quem você costuma pedir conselhos? Por quê? Como são esses conselhos?
- 10- Hoje, o que planeja para sua vida? O que seus pais dizem a respeito disso?
- 11- O que te ajudaria a conquistar tais ideais? O que te atrapalharia? Por quê?
- 12- Em quem você se espelha? Por que escolheu essa pessoa?
- 13- Você pensar em se casar, ter filhos, constituir uma família? (Caso a resposta for sim) Como imagina que será sua família? (Caso a resposta for não) Por que não quer isso para sua vida?

14-Para você, qual é o modelo de família perfeito? Conhece alguma família assim?

15-Como a família ajuda na vida de uma pessoa? Como ela pode atrapalhar?

Roteiro da entrevista para o grupo de filhos de pais casados:

1- Como é a sua família?

2- Como é a sua vida? Quais são seus sonhos, projetos? O que seus pais dizem a respeito disso?

3- O que te ajudaria a conquistar tais ideais? O que te atrapalharia?

4- Com quem você tem mais contato e intimidade para conversar? ( ) mãe ( ) pai

5- Em quem você se espelha? Por que escolheu essa pessoa?

6- Quem você costuma pedir conselhos? Por quê? Como são esses conselhos?

7- Você acha que mudaria alguma coisa na sua vida se seus pais se divorciassem? O que mudaria?

8- Para você, qual seria a possível causa do divórcio dos seus pais?

9- Como acha que reagiria ao ficar sabendo que seus pais iriam se divorciar?

10-Qual seria a parte mais difícil?

11-Como ficaria sua relação com seus pais após o divórcio? Mudaria alguma coisa? O que mudaria?

12-Você acha que seus pais se casariam de novo? Como reagiria a isso?

13-Você pensar em se casar, ter filhos, constituir uma família? (Caso a resposta for sim) Como imagina que será sua família? (Caso a resposta for não) Por que não quer isso para sua vida?

14-Para você, qual é o modelo de família perfeito? Conhece alguma família assim?

15-Como a família ajuda na vida de uma pessoa? Como ela pode atrapalhar?

A pesquisa foi descritiva e a apreciação do material construído foi realizada qualitativamente. Portanto, durante a apreciação foram selecionadas algumas falas dos participantes da pesquisa e, em seguida, foi realizada uma análise qualitativa, a qual se baseou no material encontrado nos artigos científico utilizados.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

### Relacionamento entre filhos e pais casados

Todas as entrevistas, tanto com filhos de pais casados como com filhos de pais divorciados, foram iniciadas com questionamentos sobre a família e o cotidiano de cada participante da pesquisa. Um dos apontamentos que mais chamou a atenção feita por um adolescente, de 16 anos, filho de pais casados, foi o seguinte:

Normal, tipo assim... é tranqüilo. Meu pai... minha mãe... Eles não fazem coisas assim... fazem coisas normais, tendeu? Se preocupam se eu to bem na escola, se preocupam quando eu saio, essas coisas assim, que pais faz. Minha vida é boa, eu pratico esporte, eu faço academia, eu tenho amigos, eu saio, vou a igreja, tendeu? (Fala de J.).<sup>4</sup>

Por meio das entrevistas com os 06 filhos de pais casados também foi possível perceber que, mesmo tendo os pais casados, parece que os filhos sempre têm um contato mais próximo com apenas um dos seus progenitores:

[...] minha mãe, porque ela fica mais comigo, meu pai trabalha o dia todo sentado naquela cadeira do computador”. (Fala de S., 09 anos).

[...] numa realização profissional, vou me espelhar no meu pai, porque ele é um cara inteligente, um cara dedicado, e... assim, na parte da família tudo é diferente, da minha mãe também, porque ela é mais família, né, mas meu pai também gosta de família, só que ela fica mais em casa, né... (Fala de J., 16 anos).

Devido às inúmeras transformações sociais, o nível de exigência no trabalho se tornou muito maior. Parece que as pessoas trabalham mais do que vivem. Com isso, várias questões importantes da vida ficam negligenciadas. Grande parte das pessoas reconhece que a família possui um papel fundamental na vida de qualquer um, mas poucas gastam seu “precioso tempo” com ela. É contraditório, mas muitos trabalham excessivamente com o argumento de que somente dessa maneira poderão oferecer tudo que sua família precisa, no entanto, mal veem seus filhos e cônjuges. A fala de S. revela que sua falta de uma aproximação maior com seu pai é devido ao excesso de trabalho dele, e já a fala de J. mostra que sua imagem do pai está ligado ao trabalho bem sucedido, enquanto que a imagem da mãe está mais relacionada com o convívio familiar.

Como dito anteriormente, de acordo com as pesquisas de Cia; Pamplim; Prette (2006), a maioria das mães estabelece um contato mais próximo com os filhos. Não há co-

---

<sup>4</sup> Neste artigo optou-se por colocar as falas dos participantes da pesquisa sem fazer nenhum tipo de correção ortográfica.

mo negar que o filho, em geral, sempre acaba estabelecendo um contato mais íntimo com apenas um dos pais:

Porque tem coisa que não dá pra falar com mamãe que eu falo pro meu pai, né. Mesma coisa de menina querer falar com a mãe, consegue falar mais com a mãe, porque o pai é bravo e tal. E menino falar com o pai, porque assim, já pensou falar: peguei uma menina. Não dá, né. Mamãe fica meia bolada (Fala de F., 16 anos).

Segundo Torre, Amarante (2001), a subjetividade humana é fruto dos vários embates entre as forças que circunscrevem o contexto que o homem vive. Alguns entrevistados disseram que se espelham mais em um dos pais que tem maior proximidade. No entanto, seus projetos de vida não eram tão semelhantes com os dos pais. Entretanto, ainda existe no imaginário do senso comum um pensamento determinista, no qual a ambiente dita as ordens.

Acho que família é a base de tudo. Se você crescer numa família estruturada, você vai ser uma pessoa estruturada. Família te ajuda em quem você vai ser um dia. Se tiver pais que brigam, vê violência em casa, a pessoa vai ser uma pessoa violenta automaticamente, porque vê isso desde cedo (Fala de M., 17 anos).

Tal fala comprova o senso comum que acredita na ideia de que a família estruturada é a fonte de grande parte do sucesso de um filho. Entretanto, não é possível saber até que ponto a família ou qualquer outro contexto que o homem está exposto interfere na construção da subjetividade humana, já que nesse jogo de forças pode se formar múltiplas singularidades (HACK; RAMIRES, 2010; TORRES; AMARANTES, 2001).

Conforme Hack; Ramire (2010), não há como saber quais são os fatores – como o divórcio – que desencadeiam conseqüências negativas. Embora, grande parte do senso comum acredita que certas circunstâncias podem sim produzir efeitos devastadores, na realidade não é isso que acontece. O homem é capaz de se reinventar a cada instante. (TORRE; AMARANTES, 2001).

#### Relacionamento entre filhos e pais divorciados

Como dito anteriormente, no início de cada entrevista semi-estruturada com os 05 filhos de pais divorciados também se buscou conhecer um pouco sobre a família e o cotidiano de cada um: “Minha vida é... tipo assim... como de qualquer outro garoto. Eu fico em casa, vejo desenho, estudo, essas coisas.” (Fala de M., 10 anos).

Preferiu-se colocar tal fala por demonstrar mais claramente como é a vida de um filho de pais separados. Contudo, todos os que participaram da entrevista disseram ter uma “vida normal”.

De acordo com os relatos, a experiência de ver os pais se divorciando foi conflituosa e repleta de ambigüidades, como fala S. E. de 17 anos, ao ser questionado sobre o momento do divórcio dos pais: “eu não sabia se eu ia sentir falta do meu pai ou se eu ia sentir alívio pelas brigas dentro de casa quase todo dia”. Conforme Schabbel (2005, p. 15), “Cada família reage e faz a leitura do processo de divórcio de acordo com sua rede de significados e crenças, aspectos culturais e religiosos”, que são aspectos importantes para uma compreensão mais aprofundada sobre tal acontecimento.

Segundo Hack; Ramires (2010), os adolescentes conseguem enfrentar melhor o divórcio dos pais, já que “os adolescentes percebem muitas vezes o divórcio como uma boa solução para a família, mas, por outro lado, alguns relatam sentir solidão, isolamento ou incapacidade de buscar fontes de apoio” (p.86).

Quanto ao maior contato com um dos progenitores, percebeu-se que a maioria dos entrevistados disse ter mais intimidade para conversar com o portador da sua guarda. No entanto, uma menina disse que desde antes do divórcio dos pais seu maior contato sempre foi com o pai e, depois do divórcio, tal relação aumentou, já que passou a morar com ele:

Antes do divórcio, era legal, porque tipo... a minha mãe trabalhava e meu pai sempre foi mais amoroso que a minha mãe. Então, ele levava a gente pra andar de bicicleta e várias coisas. Ai, depois, e minha mãe sempre foi muito nervosa assim, não podia fazer nada de errado que ela caia batendo, então, meu pai que amenizava isso. Depois que os dois se separaram, a minha mãe pegou pesado, agora que ela deu um tempo com esse negocio de bater (Fala de S. e. 17 anos).

A separação é um acontecimento muito difícil de ser enfrentado por todos, mas cada um percebe tal acontecimento de forma diferente. (FÉRES-CARNEIRO, 2003). Embora o objetivo da presente pesquisa gire em torno das possíveis semelhanças entre os relacionamentos entre filhos de pais divorciados e entre filhos de pais casados, é pertinente destacar que não é possível mensurar quais serão as consequências de um divórcio (HACK; RAMIRES, 2010).

“Porque... minha mãe queria ficar comigo, e meu pai também, ai eu não sabia com quem que eu ficava”. (Fala de T.; 10 anos). Tal fala explicita alguns dos dilemas vividos pelos filhos de pais que decidem se divorciar, os quais precisam ser considerados para se compreender como as relações futuras serão estabelecidas. “Minha mãe ela... quando eu vou pra lá, ela não gosta que eu vá pra lá, porque sempre o namorado dela briga com ela, ai ela não gosta que eu vejo isso. Ai ela me manda ir pra casa do meu pai de novo”. (Fala de

T.; 10 anos). Diante disso, não há como dizer que o relacionamento entre todos os envolvidos não sofre nenhuma interferência. No entanto, tal interferência pode não ser um fator que afeta todos os filhos de pais divorciados, ou ainda talvez nem sempre tal interferência é vivenciada de forma conflituosa, conforme exposto na pesquisa de Hack; Ramires (2010), citados acima.

## CONCLUSÃO

Diante de todas as discussões levantadas, notou-se que é muito comum que, tanto no caso de pais casados como de pais separados, os filhos possuam uma relação mais próxima com apenas um dos progenitores, conforme demonstrado pelas pesquisas de Cia; Pamplim; Prette (2006) e Hack; Ramires (2010), que embasaram a presente pesquisa. Além disso, foi possível perceber que a percepção que os dois grupos possuem sobre a família e a vida particular se aproxima muito. Também se verificou que o divórcio realmente é um evento muito complicado de ser vivido, contudo, cada um pode enfrentá-lo de formas muito diferentes.

Entretanto, percebe-se a pertinência de realizar pesquisas com grupos maiores para, dessa forma, subsidiar com mais consistência a compreensão sobre os relacionamentos entre filhos e pais casados, e entre filhos e pais divorciados.

A partir de tal pesquisa, foi possível conhecer algumas vivências que perpassam os relacionamentos tanto dos filhos de pais casados como dos filhos de pais divorciados, as quais apontam para certas singularidades e semelhanças entre os dois grupos.

## REFERÊNCIAS

CARTER, B. MCGOLDRICK, M. e cols. As mudanças no ciclo de vida familiar: uma estrutura para a terapia familiar. Porto Alegre, Artes Médicas, 1995.

CIA, Fabiana et. al. **Comunicação e participação pais-filhos: correlação com habilidades sociais e problemas de comportamento dos filhos**[internet]. Paidéia (Ribeirão Preto) vol.16 no.35 Ribeirão Preto Sept./Dec. 2006. Acesso em: 30 abril 2012. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-863X2006000300010&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-863X2006000300010&script=sci_arttext).

DANTAS, Cristina; JABLONSKI, Bernardo; FERES-CARNEIRO, Terezinha. Paternidade: considerações sobre a relação pais-filhos após a separação conjugal. **Paidéia (Ribeirão**

Preto), Ribeirão Preto, v. 14, n. 29, Dez. 2004 . Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-863X2004000300010&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-863X2004000300010&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em 29 Abr. 2012. <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-863X2004000300010>.

FÉRES-CARNEIRO, Terezinha. **Separação: o doloroso processo de dissolução da conjugalidade**. [internet] Estudos de Psicologia (Natal), Dez 2003, vol.8, no.3, p.367-374. Acesso em: 30 abril 2012. Disponível em: [www.scielo.br/pdf/epsic/v8n3/19958.pdf](http://www.scielo.br/pdf/epsic/v8n3/19958.pdf).

FREITAS, Maria Ester de. **Contexto social e imaginário organizacional moderno** [internet]. RAE Revista de Administração de Empresas. São Paulo, Vol. 40, N. 2. Pág. 6-15, Abril/Junho 2000. Acesso em: 30 abril 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rae/v40n2/v40n2a02.pdf>

HACK, Soraya Maria Pandolfi Koch; RAMIRES, Vera Regina Röhnelt. Adolescência e divórcio parental: continuidades e rupturas dos relacionamentos. **Psicol. clin.**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 1, Jun. 2010 . Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-56652010000100006&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-56652010000100006&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em 29 Abr. 2012. <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-56652010000100006>.

SCHABBEL, Corinna. **Relações familiares na separação conjugal: contribuições da mediação**. [internet] Psicologia: teoria e prática, Vol. 7, n. 1, São Paulo, Junho 2005. Acesso em: 30 abril 2012. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1516-36872005000100002&script=sci\\_arttext](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1516-36872005000100002&script=sci_arttext).

TORRE, Eduardo Henrique Guimarães; AMARANTE, Paulo. **Protagonismo e subjetividade: a construção coletiva no campo da saúde mental**. [internet] . Ciência e saúde coletiva [online]. 2001, vol.6, n.1, pp. 73-85. Acesso em: 30 abril 2012. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-81232001000100006&script=sci\\_abstract&lng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-81232001000100006&script=sci_abstract&lng=pt)